



SISMOS EM ITÁLIA

CIÊNCIA



Palácio do Governo, em Áquila



Destruição da cúpula da igreja de Santa Maria del Suffragio em Áquila

Universidade do Minho
Escola de Ciências

B.I.

Nome: Pedro Pimenta Simões.

Formação Académica:

Licenciado em Geologia pela Universidade de Coimbra e doutoramento em Ciências, área da Geologia, pela Universidade do Minho e pelo Institut National Polytechnique de Lorraine (Nancy, França).

Livro Favorito: só um é difícil, mas à memória vem 'A Condição Humana', 'A invenção do Amor' e outros poemas, 'A Alternativa', 'O Admirável Mundo Novo', 'Poemas de Pablo Neruda' e claro está Fernando Pessoa.

Filme Favorito: tal como os livros são vários, mas mais recentemente destaco 'O Estranho Caso de Benjamin Button', 'Trilogia do Senhor dos Anéis', 'Austrália', 'True Grit'.

Cidade Favorita: Lisboa, desde que morasse no centro.

Músico Favorito: Jacques Brel.

Especialidade Culinária: nada melhor do que um bacalhau assado na brasa com batatas a murro com muito azeite e alho.

Hobbie: Sempre que o tempo permite ouvir música e dar longos passeios pela praia ou montanha.

Viagem de Sonho: dar a volta ao mundo durante um ano mas podia ficar pela Amazônia e pelo Alaska, para marcar os contrastes.

Inspiração: a Natureza e a contemplação.

Se não fosse cientista seria... astronauta (coisa de miúdo) ou agricultor, sempre o gosto pela terra...

Até onde vai a responsabilidade dos investigadores?

Um tribunal italiano condenou a seis anos de prisão seis geólogos e o subdirector da protecção civil por homicídio involuntário na sequência do sismo de magnitude 6,3 que ocorreu a 6 de Abril de 2009 e devastou a cidade italiana de Áquila, tendo provocado a morte de 309 pessoas. O sismo ocorreu depois de vários meses de uma crise sísmica na região. Os cientistas foram acusados de desvalorizar os riscos.

Este acontecimento lançou o debate entre a comunidade científica sobre a participação de cientistas em comissões de avaliação de riscos naturais e na divulgação de conclusões científicas para o domínio público.

Este debate não é só sobre riscos naturais mas sobre todo o tipo de acontecimentos de ocorrência imprevisível e a forma de comunicar ciência. Alguns cientistas alertam para o facto do desfecho judicial deste caso poder criar um grave precedente, levando a que os cientistas não partilhem os seus conhecimentos e/ou conclusões com o público ou mesmo com as autoridades civis por receio de serem alvo de sanções judiciais.

Se a comunidade científica começar a ser penalizada por acontecimentos que são imprevisíveis, então a divulgação do trabalho científico poderá ser restrito à certeza absoluta e os benefícios que possam estar associados, desde a medicina até à física, podem estar em causa. Entre a comunidade médica é frequente o paciente assinar uma declaração que isenta o médico de responsabilidades por algo que, imprevisivelmente, corra mal durante uma operação. Será que os cientistas vão começar a passar uma declaração que os isenta de responsabilidades relativamente a eventos cuja a ocor-



Professor Pedro Pimenta, da Escola de Ciências da Uminho

rência está rodeada de um elevado grau de incerteza?

Embora a decisão final do julgamento só venha a ser conhecida daqui a vários meses, ou anos, os acontecimentos que levaram à condenação dos seis geólogos estão a ser vistos como um estudo de caso na avaliação de riscos naturais e no modo como essa informação chega à comunicação social, às pessoas que podem ser afectadas e às populações em geral.

Os riscos naturais lidam com

uma grande dose de incerteza, tanto sejam sismos, vulcões, deslizamento de terra ou outro risco natural. Frequentemente as incertezas superam as certezas e uma decisão de evacuar populações não é fácil de tomar. Deslocar populações pode implicar semanas ou meses de ausência dos locais de residência, com implicações a nível da educação, saúde, emprego, relações sociais e custo da operação e sua manutenção.

Os cientistas não estão isentos

de serem responsabilizados e julgados por avaliações erradas e/ou pela forma como transmitem essas informações para as autoridades, organismos público ou para a comunicação social. As suas responsabilidades não podem ser descartadas quando a sua avaliação é deficiente, com perdas de vidas e de bens materiais. As decisões em tribunal devem ser sustentadas em factos objectivos. No caso do sismo de Áquila é possível que tenha havido uma deficiente comunicação entre cientistas e restantes elementos envolvidos, porque nem sempre a linguagem dos cientistas é entendida por não especialistas.

As acusações que recaem sobre estes geólogos agora condenados servem de aviso para os cientistas.

Implica rever a maneira como se descreve baixa probabilidade, eventos de alto risco, no fundo aprender e saber como transmitir as informações sobre catástrofes naturais.

Esperemos que este caso não afaste os investigadores do público em geral o que seria bastante prejudicial para a percepção da ciência pela comunidade.

Pedro Pimenta

Quer fazer perguntas a um cientista?

Esta rubrica sobre a Escola de Ciências da Universidade do Minho tem também como objectivo criar uma relação entre leitores e investigadores. Alguma vez pensou em fazer uma pergunta a um cientista? Caso queira participar pode enviar todas as suas questões para sec@ecum.uminho.pt e verá as suas dúvidas esclarecidas.